

O país da a

A black and white cartoon illustration depicting a chaotic and surreal city street scene. In the center, a car is crashing through a building, with a sign on the building that reads "BUATE DIA E NOITE". A man is running away from the car, and a woman is sitting on the ground. A large, muscular man is running towards the viewer. The scene is filled with smoke, debris, and a sense of panic. The illustration is signed "F. R." in the lower left corner.

Outro exemplo de desrespeito às leis é o dos restaurantes, bares e hotéis que avançam seus estabelecimentos calçada afora. Há uma taxa anual a ser paga, de Cr\$ 12,42 a Cr\$ 248,55 por metro quadrado, dependendo da região. Mas são poucos os estabelecimentos que registram o uso de calçadas. Registrados na Secretaria Municipal de Fazenda só estão 66 em Copacabana e três na Barra da Tijuca...

Tipos de ontem e de hoje

Bakunin

Bakunin é aquele filósofo russo nascido em 1814 e morto em 1876 na Suíça que afirmou, numa de suas tiradas mais conhecidas, que “o impulso à destruição é também um impulso criador”. E exatamente por sustentar que “a anarquia é a verdadeira revolução popular”, ele foi expulso da Associação Internacional dos Trabalhadores por influência de Marx e Engels. Tinha mais de dois metros de altura, comia com apetite, fumava um cigarro após o outro, era capaz de conversar noites inteiras, devorava livros, bebia licor como se fosse vinho — enfim, era um homem que amava a vida e seus prazeres. Por seu livro *Estado e anarquia*, é considerado um antecursor dos tempos futuros: juntamente com Proudhon, intuiu a involução autoritária do marxismo ortodoxo e compreendeu a importância da intervenção da massa urbana na revolução. Ao contrário dos comunistas, pregava a intervenção apolítica e a destruição do Estado. A hipótese marxista de um período pós-revolucionário sob controle rígido (a ditadura do proletariado), respondeu que era “preferível o risco do caos”.

O francês Pierre Proudhon tinha 31 anos quando cunhou a sua fórmula famosa "A propriedade é o roubo", no livro *Que é a propriedade?*, editado pela gráfica de que era proprietário. Mais tarde, ele próprio corrigiu a fórmula para "propriedade é liberdade", segundo o raciocínio de que a terra não é de ninguém, mas a posse de uma parte do solo se justifica com a condição de que o seu possuidor trabalhe nela para tirar o seu sustento. O pequeno proprietário não é um ladrão; admite-se a propriedade parcelada e seu correspondente industrial: o pequeno ateliê.

É considerado o mais original entre os escritores socialistas do século XIX, um estilista, um dialético formado pela leitura de Hegel. Para ele, a igualdade é a lei suprema da sociedade. A solução está na organização de um sistema de crédito gratuito, gerador de um verdadeiro "organismo econômico no qual se dissolverá o poder do Estado". A marcha para a igualdade na anarquia não exige perturbação social e deve se fazer dentro de um espírito de conciliação — e aqui começa sua discordância com Marx, pois Proudhon não acreditava que a classe operária pudesse constituir a base de um poder.

LOGO na primeira frase de seu ensaio *A desobediência civil*, publicado há 137 anos, Henry David Thoreau já afirma que concorda com a máxima de que “o melhor governo é o que governa menos”. Mas antes mesmo de concluir o primeiro parágrafo diz que “o melhor governo é o que não governa de maneira nenhuma”.

Thoreau, nascido em 1817, foi um pensador político original quando rompeu com a civilização e se internou nos bosques de Concord, Massachusetts, onde ergueu uma cabana, com janelas sem cortinas e porta sem fechadura. Ali viveu dois anos e dois meses em contato com a natureza, pensando e escrevendo. Ele, que jamais gostou de doutrinas, interrompeu a experiência por achar que a repetição não tem sentido num mundo de infinitas possibilidades. Em julho de 1846 passou um dia na cadeia por se recusar a pagar imposto: não queria contribuir para um Estado que fazia guerra contra o México e mantinha a escravidão. Foi solto porque sua tia pagou a fiança. Em A desobediência civil critica a máquina governamental, a tributação, as leis injustas e o domínio do Estado sobre o indivíduo. A maior das influências exercida por Thoreau, nos anos que se seguiram, foi sobre Gandhi e seu movimento de resistência. Mas seus livros foram mais além, influenciando nos Estados Unidos as manifestações beatniks e hippies dos anos 50 e 60 e os movimentos pacifistas e ambientalistas do mundo inteiro até hoje.

QUANDO Mário Amato, presidente da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo) afirmou logo depois de uma audiência com o presidente Sarney, no mês passado, que o congelamento dos preços poderia ser generalizar em “desobediência civil”, recebeu logo depois o troco do próprio presidente. Sarney disse que os defensores dessa posição “passam a ser aliados daquela coisa do século passado, que é o Bakunin”. Nem uma coisa, nem outra. Nem a pressão pelo aumento de preços pode ser comparada à anarquia de Bakunin (quando muito ou é especulação ou é uma reação das forças de mercado num estado capitalista), nem Amato tem um perfil semelhante ao de Bakunin.

Aos 87 anos, empresário desde os 18 anos, Amato afirmou, depois do puxão de orelhas do presidente, que jamais pregou a desobediência civil e que sua vida foi toda ele "dedicada ao trabalho e à defesa do estado de direito". Amato assumiu a presidência da Fiesp, como candidato único, em substituição a Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho. Há mais de 30 anos dirige o Sindicato das Indústrias de Cortiça de São Paulo. Como empresário, tem vocação para o sucesso: faz parte da Amorim & Coelho (maior fabricante de cortiça da América Latina), Holstein Kappertidan (equipamentos de indústrias de bebidas), Springer-Carrier (equipamentos de refrigeração) e Springer-National (televisores, vídeos e componentes eletrônicos). Nada menos anarquista.

Pepe

JOSÉ Antônio Dominguez, o Pepe, único remanescente de um grupo de 12 organizadores da Univerfa, a Universidade Aberta, no Rio, é filho de um espanhol que ouviu falar em prefeito pela primeira vez ao chegar ao Brasil, porque a aldeia em que morava funcionava na base da organização espontânea do trabalho. É um dos poucos anarquistas confessos existentes no Rio.

Pepe estudou economia até o terceiro ano e acabou não se formando em nada. Fez teatro ligado a crianças (nunca profissionalmente), esteve na Inglaterra e retornou ao Brasil quando se esboçou a anistia, para trabalhar com a idéia da Univera. Adverte logo que não se pode associar anarquismo a bagunça.

O Estado, segundo Pepe, é uma formação artificial, montado sobre um projeto de opressão. Pepe é contra a propriedade privada e nega que alguém possa representar alguém: quando um operário é eleito para um cargo representativo, começa a defender seus próprios interesses, em detrimento dos interesses de quem o elegeu. Mas o anarquismo, diz Pepe, é uma teoria ainda não revista à luz do caos que o capitalismo moderno criou: na Guerra Civil Espanhola, os anarquistas tomaram várias cidades, entre elas Barcelona, e não souberam resolver a questão de como governar.

Lembra que em Berlim é possível viver sem passar pelas instituições do capitalismo, tal a organização dos alternativos e a ideologização do trabalho: lojas alternativas, imprensa alternativa e até bancos alternativos. No Brasil, segundo Pepe, o que está acontecendo é que a anarquia (e não o anarquismo) reinante é fruto de um capitalismo mal-administrado, selvagem e inadministrável neste momento.

Pichador

E LE picou três vezes em 1984 os muros da 20ª Delegacia Policial, em Vila Isabel, pelo puro prazer de provocar a polícia em sua própria casa. A motivação ideológica do auxiliar administrativo Acácio A.M.F., 24 anos, e sua gangue de picadores tíjuicanos (a maioria menores de idade) pára aí. De resto, qualquer discípulo do anarquismo ficaria irritado ao saber que em 1985 a gangue se atrelou, por pouco dinheiro, à campanha do candidato chaguista Jorge Leite à prefeitura do Rio.

A marca de Acácio é A.D. com um raio desenhado. Sua vocação de pichador surgiu por acaso, em 1982, com as sobras de tinta que decoraram o balcão na Copa. Descobriu "a liberdade de criar, de ter um espaço público". Sua carreira oficialmente acabou no ano passado por outra fatalidade: vendeu a bicicleta e arranjou namorada. Mas a gangue continua, em ação clandestina, de madrugada. Todos de bicicleta e spray na mão.

A maioria dos pichadores ataca no subúrbio. Em Realengo, há a gangue VR (Vândalos do Realengo) e a gangue Nazista, nome escolhido "porque é do contra, ninguém gosta", explica Sinyko, um de seus pichadores.

Lobão

O roqueiro João Luís Wordenbarg tem 29 anos, "onipotência epilética" e o singelo apelido de Lobão. Apesar de seu nome real sugerir algum desconhecido companheiro de Marx do tempo da *Gazeta Renana*, este filho de holandeses tem uma postura política (no sentido do "tudo é política" de Lênin) muito mais próxima de Bakunin.

Lobão, originalmente baterista, tocou com muita gente boa, mas, tanto quanto seu som, o grande Lobão é sempre lembrado por suas tiradas anárquicas e cortantes: Lobão é o lobo dos homens medíocres. "Sou brasileiro antes de tudo porque nasci aqui e sou honesto porque estou destilando a cultura que eu digeri. Eu seria hipócrita se estivesse tocando partido alto ou música rural, eu não vivenciarei nada disso". Para ele, viva a diferença.

Semana passada, na hora de votar para Secretário de Cultura na enquete do **Especial**, Lobão disparou: "Detesto a Secretaria de Cultura e detesto o Moreira Franco" — e se absteve. Ele também não é tanto anarquista (também detesta direitas e esquerdas) quanto anárquico. Num entrevista ao Pasquim, em janeiro de 85, ao mesmo tempo em que dizia não querer um presidente (preferia um despachante), Lobão negava ser um adepto do anarquismo:

— Eu prefiro dizer que sou um adepto do desenvolvimento da telepatia.

No entanto, este leitor de Nietzsche, Bukowski e São Tomás de Aquino que disse usar tóxico porque gosta, em plena delegacia onde esteve detido por posse de drogas, e que prega "guerrilha cultural: explícita", não se furtou a sugerir um modelo de anarquia:

— Ela poderia ser assim: eu mereço viver bem e isso contém o bem estar de todos.

taria Municipal de Fazenda as reclamações vão desde um bar ou pagode com um som que incomoda a vizinhança, até os latidos de um cachorro. O barulho, de fato está na rua para quem quiser ouvir. As lojas de disco, que só podem tocar músicas em cabines especiais, violentam os tímpanos dos passantes, já violentada pelas buzinas e descargas dos automóveis e motocicletas. Só quem não ouve é o Detran.

O arquiteto Alberto Vieira de Azevedo, 52, presidente da Associação Brasileira de Acústica, fez algumas medições em vários trechos da cidade e constatou o que vem ocorrendo há anos: Copacabana e Botafogo são os bairros campeoníssimos em barulho. Em Copa, no quadrilátero formado pela Barata Ribeiro, Copacabana, Figueiredo e Santa Clara, o ruído, durante o dia, atinge 90 decibéis. Em Botafogo, na Voluntários da Pátria e São Clemente, principalmente perto da Estação do Metrô, o ruído anda na casa dos 92 decibéis. Para o ser humano, ficar mais de oito horas exposto a ruído com mais de 85 decibéis é um sério dano à saúde. Terá neurose, disfunções orgânicas e surdez.

Mas em certos lugares à noite ainda é pior. Por exemplo: na avenida Afrânio de Melo Franco, no Leblon:

— Isso é um inferno, uma balbúrdia — lamenta-se Célia Lima de Araújo, que mora em frente ao Scala. Por que não se queixar? — Eu não vou perder o meu latim e ainda correr o risco de ser debochada!

O Scala fica em frente à 14ª DP. Mas o Scala não é o único exemplo. O Hippopotamus transforma seus arredores, incluindo a Praça Nossa Senhora da Paz, num inferno noturno: com carros buzinando e estacionando nas alamedas. O Caligola fez de outra praça, a General Osório, um igualmente ensurdecedor estacionamento noturno. E os bares e restaurantes dos Baixos Leblon e Gávea fizeram de suas vizinhanças um dos piores lugares para dormir.

Curiosamente, é comum ver "joaninhas" estacionadas diante desses bares e restaurantes. Em geral elas

ficam o tempo que um de seus ocupantes leva para sair carregando sanduíches e refrigerantes.

□ Para definir o indefinível trânsito do Rio — um problema que mata o caroloca diariamente — só os poetas. Manuel Bandeira costumava parar no meio-fio, segurar pelo braço o eventual acompanhante, olhar o carro que vinha e advertir: “Cuidado que ele já nos viu.” Millôr Fernandes, por seu lado, também já definiu o motorista caroloca: “Dirigir bem é ultrapassar devagarzinho o sinal vermelho.” Atravessar a 100 quilômetros não é vantagem, todo mundo faz — até porque, como já recomendou uma autoridade policial, quem parar é assaltado. De todas as patologias urbanas que exibimos aos estrangeiros, o trânsito é a que faz mais sucesso. É inacreditável. Em nenhum lugar existe igual.

— Lá fora — explica o especialista Celso Franco — “quem atropela um pedestre na faixa comete um crime inafiançável.

Ali, como tem um feito: primeiro porque não encontra pedestre na faixa e segundo porque, na velocidade em que o motorista anda, nunca é apinhado. Os dois são igualmente indisciplinares: a diferença é que um mata e outro morre pela indisciplina. O motorista carioca transgredir mesmo quando está parado — em geral em cima das calçadas —, e o transeunte desobedece até para por em risco a sua vida: ele passa embaixo da passarela e ao largo das faixas. A primeira vista, tudo isso acontece porque o motorista carioca é mal educado. Celso Franco acha que não.

— Na Europa, o motorista anda direito não porque é educado, mas porque o pau canta.

Ele tem razão. Enquanto lá a re-
petição de uma multa significa a
suspensão da carteira por seis meses
ou mais, aqui a situação é a seguinte:
um estacionamento proibido custa
Cz\$ 32,83 — menos do que muitos
estacionamentos regulares — e um
avanco de sinal sai por Cz\$ 164,19.
Tudo isso, claro, no oficial. No paralelo,
sai pela metade, quase sempre
menos: uma cerveja.

Segundo o presidente da Associação de Moradores da Praça Saens Peña (Tijuca) Vilmar Torres, isso ocorre porque os detentores do poder não são de dar exemplo: os crimes do colarinho branco nunca são punidos:

— Isso cria um sentimento de impunidade em toda a sociedade que acaba sendo incentivada a não ter respeito às leis.

Um caso envolveu a Associação de Moradores da Praça Saens Peña e o português Celestino Ribeiro Pereira, que construiu um restaurante no número 19 da rua Pinto de Figueiredo, quase esquina com a Conde de Bonfim, e avançou sobre uma área contínua, de 480 m² (três vezes maior que seu terreno) remanescente das obras do metrô. Quando a Associação estranhou a derrubada do muro que separa os dois terrenos, Celestino declarou candidamente que fizera um acordo verbal com um secretário do governador para ceder o esqueleto do restaurante para a instalação de um comitê eleitoral em troca do direito de colocar mesas e cadeiras no terreno.

A questão parou na Justiça. Celestino perdeu e entrou num acordo com a comunidade: está urbanizando a área, que se transformará em pracinha com brinquedos. Dos males o menor: a pracinha acabará valorizando o restaurante.

Costuma-se dizer que o carioca diante de uma placa dizendo "é proibido cuspir no chão", cospe na placa. O Departamento de Parques e Jardins, segundo seu diretor, Sérgio Tabet, gasta "milhões de cruzados" anualmente na recuperação de parques e monumentos. Pisa-se na grama, picha-se estátua, poluem-se os chafarizes com detritos, acendem-se velas nas árvores. Para se ter uma idéia: dos 7 mil orlhões espalhados pelo Rio, a Telerj precisa consertar mensalmente 10%. Com um detalhe que dá para pensar: as depredações ocorrem nas áreas ricas. Elas chegam a quase zero nas regiões de favelas e conjuntos habitacionais.

☐ Em termos de barulho, o Rio também é uma das cidades que mais desrespeitam as leis. Na Secre-